



## A invenção do delírio<sup>1</sup>

Jacques-Alain Miller<sup>2</sup>  
[navarin@easyconnect.fr](mailto:navarin@easyconnect.fr)

**Resumo:** Jacques-Alain Miller retorna às teses lacanianas: todo delírio é um fenômeno elementar, são contínuos e têm a mesma causalidade; e o *momento fecundo* dos empuxos-ao-delírio traduz a reiteração desses fenômenos. Trabalha o eixo alucinação-interpretação, e explica a *significação da significação* aplicada à intuição delirante. Propõe pensá-las a partir da metáfora e da metonímia, inventa o operador de perplexidade e aponta a equivalência entre o significante da transferência e o início de um delírio. Através do binômio  $S_1-S_2$  diz que todo saber é delírio e o delírio é um saber.

**Palavras chave:** fenômeno elementar; delírio; binômio alucinação-interpretação.

**Abstract:** Jacques-Alain Miller refers back to the Lacanian thesis: every delusion is an elementary phenomenon. They are continuous processes with the same causality; and the *fecund moment* along the push-to-delusion translates the reiteration of such phenomena. He explores the delusion-interpretation axis and explains the *meaning of meaning* applied to the delusive intuition. He invites us to consider them as metaphors or metonymies, inventing an operator for perplexity and defining equivalence between the signifier of transference and the beginning of a delusion. According to the binomial  $S_1-S_2$ , every piece of knowledge is a delusion and every delusion, a piece of knowledge.

**Key words:** elementary phenomenon; delusion; delusion-interpretation binomial.

O binômio fenômeno elementar - delírio responde à intenção de diferenciar elementos que por sua vez fazem parte do discurso comum; são elementos comuns a todo ser falante. Esta é uma forma de generalizar o conceito de delírio. Na medida em que o eu de cada um é delirante, um delírio pode

ser considerado uma acentuação do que cada um traz em si, e que é possível escrever como: deliryo.<sup>3</sup>

A psiquiatria diferencia os delírios ricos e pobres, bem como delírio e alucinação, assinalando que o delírio é um discurso. E nesta perspectiva tem sentido a palavra elementar.

O ensino de Lacan permite-nos formular que o delírio é um discurso articulado. Trata-se de uma combinação de elementos onde a intenção de situar o fenômeno elementar assume um valor, um sentido: destacar no conjunto do discurso delirante os elementos mínimos, os elementos primeiros a partir dos quais foi construído, desenvolvido e elaborado o resto.

Assim colocado, parece muito geral, mas permite justificar um primeiro sentido da palavra elementar.

Podemos pensar, por exemplo, que uma argumentação formalizada torna-se útil em lógica matemática; e ainda que esta não seja comum em nossa prática, possuímos dela certa idéia. Não somente é possível deduzir muitas coisas de tal sistema - por exemplo, vários teoremas -, como também, além disso, na apresentação formalizada destacam-se axiomas, fórmulas primeiras que tomamos como base para a demonstração, para o discurso demonstrativo. De algum modo os fenômenos elementares seriam como esses axiomas de partida que não podem ser colocados em dúvida.

Esta pode ser uma primeira abordagem que, sem dúvida, é possível criticar. Por exemplo, a inspiração lógica conduz Clérambault a propor certo tipo de delírios e destacar os passionais, entre os quais sublinhou a erotomania propriamente dita; esta inclui postulados - tais como ele me quer, não me rejeita, não diz que não, e outros -, que não modificam a premissa inicial. Trata-se, portanto, da busca de

elementos iniciais que funcionam de maneira absoluta como princípios de todo desenvolvimento do discurso. Todavia, como retomar esse tema?

Kraepelin, por exemplo, pensava que não podia localizar fenômenos elementares na psicose; postulava a paranóia em continuidade com o desenvolvimento de uma personalidade. Esta perspectiva se opõe àquela segundo a qual há fenômenos elementares, isto é, algo que assinala na vida do sujeito o surgimento de uma descontinuidade e indica então que não se trata de um desenvolvimento contínuo. Com efeito, apresenta-se uma oposição entre continuidade e descontinuidade.

Devemos acrescentar que aqueles que localizaram os fenômenos elementares eram organicistas. Sustentavam que no terreno do nascimento de tais fenômenos havia algo orgânico que determinava a intrusão de um elemento no psíquico que não pode ser explicado por meio de nada anterior. Deste modo era situada uma causalidade não propriamente psíquica da psicose. Como nada pode explicar o que surge ou se espera, impõe-se a evidência de uma causalidade orgânica: aquele que se tornará paranóico não é alguém de quem se possa suspeitar, senão que há uma descontinuidade, e algo totalmente novo se introduz no psíquico. Nessa concepção, diante desse fato em bruto, bizarro, que surge nele, o sujeito reage tentando dar conta do mesmo com explicações e construções delirantes.

No centro dessa concepção organicista se estabelece uma distinção entre o fenômeno elementar como primário e o delírio como secundário; e entre a causalidade própria do fenômeno elementar e a que corresponde ao delírio. A causalidade do fenômeno elementar, como um sentimento de estranheza, de inquietude que invade o sujeito, não tem antecedentes em sua personalidade, em sua consciência, seu caráter. Então devemos nos remeter a uma causalidade

orgânica. Por outro lado, o delírio tem uma causalidade psíquica porque se trata de um esforço intelectual para explicar esta intrusão curiosa, estranha e inquietante.

Abrem-se assim duas vias: uma em que não há fenômenos elementares e aparece o desenvolvimento de uma personalidade que acentua seus traços em situações vitais cruciais ou em momentos traumáticos; e outra em que há fenômenos elementares, ou seja, a intrusão de um elemento heterogêneo de fonte orgânica que obriga o sujeito a um grande esforço de elaboração delirante para explicá-la.

O curioso de Lacan é que ele sustenta em sua tese a posição de que há fenômenos elementares, mas ao mesmo tempo os integra em uma teoria da personalidade. Este é o paradoxo de sua tese que se observa muito bem nos capítulos três e quatro da primeira parte. No terceiro capítulo concebe a paranóia como desenvolvimento da personalidade, enquanto que no quarto capítulo ela aparece determinada por um processo orgânico. E as duas vias se opõem. Porém, precisamente neste capítulo, ele apresenta a teoria dos fenômenos elementares e utiliza o exemplo de uma causalidade que não é da personalidade.

Em sua elaboração do caso Aimée, Lacan opõe-se ao organicismo. Ali a palavra essencial é a personalidade que encontramos no título de sua tese - Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade<sup>4</sup> -, na qual defende uma concepção personalista da paranóia e integra nesta concepção os fenômenos elementares pertencentes a uma idéia organicista. Com efeito, pode-se dizer muito sobre isso, pois se trata de uma concepção harmônica, mas ao mesmo tempo não se encaixa bem, o que a torna justamente mais interessante. É uma questão árida. Entretanto, é a tese de Lacan - cuja leitura torna-se facilitada pelo trabalho de Silvia Tendlarz,

*Aimée com Lacan* - e devemos considerar que é a base de nossa discussão quando aludo ao tema.

Ao que responde esta curiosa posição de Lacan? Talvez estejamos no terreno da personalidade de Lacan, visto que coloca claramente em jogo sua relação com Clérambault, seu mestre. Trata-se então de algo muito delicado, já que forneceu-nos elementos para entender esse tema. Mas o deixaremos de lado por um momento para retomar o debate e as apresentações escutadas hoje.

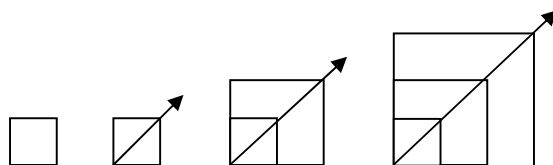
Certamente, concentramo-nos muito em como entender o tema do delírio e do fenômeno elementar. Nessa direção foi trabalhada a metáfora da planta incluída em O Seminário 3 de Lacan, e comentada por Cláudio Godoy<sup>5</sup> com a indicação de que também se encontrava na tese. Situa-se ali onde Lacan assinala que antes utilizava a referência aos anelídeos e logo depois preferiu a metáfora da planta<sup>6</sup>.

No trabalho anterior sobre a estrutura da paranóia, escrito dois anos antes, Lacan utilizava o termo anelídeos de Clérambault, termo que suprime. E como sublinhou Juan Carlos Indart<sup>7</sup>, Lacan continuou com a metáfora da planta mais tarde, em 1958, em seu escrito "A direção do tratamento"<sup>8</sup>. Com efeito, o exemplo da planta está presente na tese, também em O Seminário 3, e em 1958; e encontra-se não somente a propósito da psicose como também da neurose. Talvez seja algo que devemos aproveitar.

A frase de Lacan em O Seminário 3 diz que o delírio é um fenômeno elementar<sup>9</sup> - se aceitamos reduzir a citação -, e resulta tanto mais necessária quanto no primeiro sentido; de acordo com a concepção organicista, o fenômeno elementar é totalmente distinto e heterogêneo em relação ao delírio. Pelo único fato de transladá-lo a uma teoria continuista e de desenvolvimento da personalidade, Lacan restabelece uma

continuidade entre o fenômeno elementar e o delírio. Em meu ponto de vista, Juan Carlos Indart indicou a maneira de traduzir essa frase, uma vez que imediatamente depois de falar do delírio como fenômeno elementar, Lacan acrescenta: enquanto que elemento significa estrutura.

Poderíamos traduzir essa frase da seguinte forma e submetê-la à discussão. Poderíamos entender o delírio é um fenômeno elementar como o delírio tem a mesma estrutura que o fenômeno elementar. Nesse sentido, é interessante o termo elemento gerador utilizado por Roberto Cueva<sup>10</sup>. É algo que se entende, por exemplo, através do modelo do gnômon grego.



Fazemos uma figura, tomamos a diagonal e podemos construir uma série de figuras que respondem às mesmas proporções. De modo que, a partir da célula inicial, encontramos de maneira mais e mais extensa a mesma estrutura.

Quando Lacan alude a essa famosa planta em "A direção do tratamento" - dentro do texto em que analisará o sonho da Bela Açougueira -, assinala que nada disso é microscópico; e que não há necessidade de um instrumento especial para reconhecer que a folha tem os traços de estrutura da planta com a qual está relacionada. Em outras palavras, considera que esse sonho de uma histérica é capaz de indicar toda a *planta* da histeria. Ele relaciona claramente essa formação do inconsciente que é o sonho com a neurose, e afirma que o conjunto da neurose está presente em uma formação do inconsciente minúscula, tal como um sonho.

Que às vezes os pacientes relatem três ou quatro sonhos em uma sessão, far-nos-ia acreditar que um sonho é pouca coisa em todo o trajeto de uma análise; porém a tese de Lacan é que, a partir da folha, podemos conhecer a planta ou a árvore, assim como a partir do osso de uma pata é possível reconstruir um dinossauro.

Na via do que elaboramos, minha proposta é simples: em certo sentido, o fenômeno elementar representa para a psicose o que a formação do inconsciente representa para a neurose; ainda que em escala reduzida, mostra-nos toda a estrutura da enfermidade. Não somente é um pouco simples, como também talvez algo excessivo, mas sugere que devemos trabalhar comparando a formação do inconsciente com o fenômeno elementar. E esta comparação é válida devido ao conceito de estrutura, em que é a mesma coisa tomar um texto enorme ou somente uma página, pois, enquanto tal, a estrutura está presente de qualquer forma. Pensem quando existem dificuldades visuais, na diplopia, por exemplo: ao fechar os olhos ou ao olhar uma página ou uma sala, a diplopia não desaparece. O objeto que se vê pode modificar, porém o fato de estrutura está ali, com uma torção específica.

Tomemos como exemplo o trabalho do passe, no qual em um tempo muito curto, uma hora, meia hora, alguém relata a análise de outra pessoa que durou dez anos! Como é possível esse trabalho e, além disso, como avaliá-lo? Simplesmente porque acreditamos na estrutura, ou seja, pode-se fazer uma boa extração e conseguir apropriar-se da estrutura em um fragmento. Foi o que Roberto Cueva tentou mostrar ao tomar como exemplo um fenômeno elementar do caso Aimée e indicando que o fenômeno se repete no transcurso da elaboração do delírio. Ele percebeu esta questão.

Então um curto-circuito é apresentado: qual a estrutura das formações do inconsciente?

A resposta de Lacan permite-nos afirmar que sua base é a alienação significante - o significante representa o sujeito para outro significante -, e às vezes, quando um significante chama outro, isso surge para o sujeito como um lapso e surpreende-se pelo que ele próprio produziu.

Avancemos a partir da estrutura da formação do inconsciente e tentemos elaborar a estrutura do fenômeno elementar em oposição a ela.

**formação do inconsciente ~ neurose**  
**fenômenos elementares ~ psicose**

O fenômeno elementar representa algo, porém não se sabe muito bem o quê. Digamos que representa não se sabe o quê para alguém, para o sujeito. Conforme recordarão, trata-se da definição de signo de Peirce na qual Lacan se inspirou: *o signo representa algo para alguém*.

Retomando o anterior Lacan sustenta que, nas formações do inconsciente, o significante vincula-se ao significante e o sujeito surge como efeito desta vinculação. Pois bem, o sujeito não está a par desse procedimento; os significantes vinculam-se entre si e o sujeito permanece um pouco relegado, conforme verificamos no lapso.

No fenômeno elementar é interessante o *para alguém* porque se trata da significação pessoal que se dirige a ele. E talvez possamos afirmar, em uma primeira aproximação, que no fenômeno elementar o signo elementar representa um x para o sujeito. Esta formulação apresenta um problema para resolver: como formalizar o fenômeno elementar a partir da fórmula de Lacan das formações do inconsciente?



Seguiremos um pouco mais com essas questões. Por enquanto tratamos de indicar o caminho no qual é possível seguir trabalhando, uma vez que não damos o trabalho por terminado. Assim como Lacan se inspira em alguns exemplos para construir suas fórmulas, inspiremo-nos na fórmula de Lacan para fazermos, nós mesmos, um trabalho.

Assim deparamo-nos com um conceito muito útil para introduzir no debate. Falamos de fenômeno elementar e duvidamos naquele momento de onde ele procedia, porque Lacan indica que provém de Clérambault, quando na realidade não o encontramos aí. Existem fórmulas aproximadas nos textos de Jaspers que Lacan critica. Além disso, há um conceito clínico exclusivo de Lacan em relação à psicose que é o de *momento fecundo*.

O que é o momento fecundo? Com esta idéia Lacan indica os empuxos-ao-delírio. Em dado momento o sujeito aparece embaraçado, quando dará a luz a um novo episódio do delírio. Há então um momento de calma e outro de empuxo, e precisamente a concepção dos momentos fecundos pode situar-se como repetição dos fenômenos elementares. O sujeito está inquieto, sente que algo sobrevirá, depois há uma precipitação, uma cristalização e finaliza. Portanto, o momento fecundo é esta reiteração gnomônica da estrutura do fenômeno elementar que fornece, ao mesmo tempo, a idéia de uma continuidade. O conceito de estrutura reformaliza e redistribui o campo onde se opunham os conceitos de personalidade e organismo. Neste caso, o elemento é a estrutura que se repete como o *gnômon*, em distintos níveis.

A princípio Lacan trabalhou essa idéia de que o elemento é a estrutura. O fenômeno elementar aparecia como tal pela sua simplicidade, seu caráter imediato, bruto. Godoy o cita em relação ao texto sobre a estrutura da psicose paranóica,

quando a propósito da interpretação delirante, Lacan<sup>11</sup> assinalou que ela é feita de dados primários, quase intuitivos, sem organização racional. O caráter não organizado do fenômeno, no delírio de interpretação, aparece como específico do fenômeno elementar, e aqui se estabelece a comparação com Clérambault, com a metáfora dos anelídeos, pequenos anéis iguais sem articulação ou estruturação, sem organização.

Descobrir que os fenômenos elementares são estruturas que incluem uma combinação impede opô-los ao delírio, com o argumento de que este último é uma articulação, enquanto que o fenômeno elementar não está articulado. Trata-se de um elemento simples, isolado e diferente de um anel. Eis aqui a descoberta de Lacan: o fenômeno elementar está estruturado e sua estrutura é a da linguagem, tal como a do delírio. Portanto, há entre ambos uma comunidade de estrutura. Em geral pode-se dizer que o delírio é um fenômeno elementar e que o fenômeno elementar é um delírio, já que ambos estão estruturados como uma linguagem. Entretanto, vamos mais além desse ponto.

Consideremos agora um nível no qual se opõem alucinação e interpretação. Nesse sentido, a intervenção de Roberto Mazzuca inclui uma valiosa referência a Lacan. Se relerem a "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite" vocês verão o que diferencia radicalmente a alucinação e o fenômeno interpretativo. Porém pouco tempo depois, tal como assinala Mazzuca, Lacan parece esquecer-lo e mistura ambas as noções. Então, em certo nível, entendemos que há uma oposição entre a interpretação e a alucinação que concerne a um fenômeno perceptivo. Afirmamos estar diante de uma verdadeira alucinação psicótica quando o que aparece tem o caráter de certeza, e podemos dizer que o sujeito é passivo enquanto

padece da alucinação como independente dele. O esquema de vivência da interpretação é totalmente diferente: ali o sujeito é ativo, não padece, mas sim atua e passa por momentos de dúvida. A interpretação é do sujeito.

De forma que esses dois fenômenos têm muitos traços distintos, mas ao mesmo tempo, segundo descobre Lacan, no que pese às diferenças fenomenológicas evidentes, as alucinações têm estrutura de linguagem. Todo o escrito "De uma questão preliminar" serve para indicar que, se estudamos as alucinações verbais, veremos que respondem a uma estrutura de linguagem, que encontram uma diferença entre significante e significado, e entre mensagem e código. Evidentemente a interpretação também se funda em um fenômeno de linguagem.

Apesar de todas as diferenças fenomenológicas existentes entre alucinação e interpretação, a perspectiva da estrutura permite tratá-las de maneira conjunta. Conforme assinala Mazzuca, Lacan pôde sustentar que algo vale tanto para a alucinação como para a interpretação, que ambas são completamente distintas em certo nível, mas que, em outro, a diferença não importa, pois respondem à mesma estrutura.

Para ampliar nossas referências em relação ao tema podemos retomar o texto "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite", no qual Lacan sustenta que a alucinação e a interpretação são distintas. E o prova com o exemplo freudiano do Homem dos Lobos a respeito da alucinação do dedo cortado; e introduz imediatamente o famoso caso do Homem dos Miolos Frescos, isto é, um exemplo de *acting out*. Porém em que termos Lacan fala deste fenômeno de *acting out*? Ele o refere à interpretação. Mostra que o *acting out* está estruturado como uma alucinação, que no caso do Homem dos Lobos a falta de um significante na estrutura do sujeito faz com que o foracluído retorne no real. Não obstante, no *acting*

out Lacan mostra, se alguém sabe lê-lo, que falta um significante na interpretação do analista e surge na conduta do sujeito um ato que ele não pode entender; podemos quase supor que há uma forclusão. Lacan o formula ali como a recusa de uma relação oral não simbolizada que retorna como se fosse uma alucinação.

Lacan trabalha assim mesmo esse tema de enorme importância em seu seminário<sup>12</sup>: o *acting out* equivale a um fenômeno alucinatorio de tipo delirante. Ele o diz claramente e explica que se produz quando os analistas abordam algo na ordem da realidade e não no interior do registro simbólico; isso quer dizer que encontra a mesma causalidade em ambos os fenômenos. No mesmo texto, ao mesmo tempo podem se opor alucinação e interpretação, usar um exemplo de alucinação e outro de *acting out* em sua vinculação com a interpretação analítica, e finalmente construir a mesma estrutura para ambos. Deste modo justifica-se distinguir níveis. Em um nível, alucinação e interpretação opõem-se, e em outro têm a mesma estrutura. Não se trata de uma contradição, senão de distinguir níveis.

Retomemos agora a história da relação de Lacan com seu mestre Clérambault que constitui todo um tema. Nos *Escritos*, Lacan antecipa precocemente Clérambault como "meu único mestre em psiquiatria". Como eu não conhecia Clérambault em 1966, quando saíram os *Escritos*, comecei a lê-lo. Alguns anos depois, em uma apresentação que fiz de um texto de Lacan que falava de Clérambault, entendi que Lacan havia introduzido desta maneira sua leitura na França, provocando um movimento de paulatino interesse pela personalidade e pela obra do referido psiquiatra.

Em um seminário que ditei em 1988, tratei de convencer aos que o assistiam que a tese de Lacan era jaspersiana. Mas

é muito curioso que em seus "Antecedentes", nos *Escritos*, Lacan não diga uma só palavra sobre Jaspers.

Lacan defende sua tese em 1932 depois de ter sido interno de Clérambault. Realiza uma tese jaspersiana, mas nos *Escritos* só se refere a Clérambault. Por outro lado, na primeira lição de *O Seminário 3* fala de Freud, rende uma homenagem a Clérambault e depois critica radicalmente Jaspers. Lacan já havia elogiado Clérambault em seu texto "Formulações sobre a causalidade psíquica" nos seguintes termos: "pretendo que minha tese responda ao método de Clérambault".

Que conclusões podemos extrair de tudo isso? Em um momento Lacan se coloca como um discípulo orientado por Clérambault. A referência está em um artigo publicado em *Ornicar?*, nota n.6, quando se refere ao uso da imagem dos anelídeos - que dois anos depois substituirá pela metáfora da planta - e sublinha que usa esta imagem que resume o fenômeno elementar do ensino oral de Clérambault, a quem deve muitas coisas em relação ao método, e que, "para não correr o risco de ser plagiário, é necessário render-lhe homenagem por cada um de nossos termos" <sup>13</sup>, isto é, por tudo, tudo que diz deveria ser uma homenagem a Clérambault.

Todavia a tese que escreverá dois anos depois está feita contra ele, e ainda que não o evidencie explicitamente, é jaspersiana, a partir da relação com a compreensão. Trata-se de uma tese anti-organicista, pois como recordarão, Clérambault pensava em uma causalidade fundamentalmente orgânica. De algum modo, na tese Jaspers *mata* Clérambault, o qual, entretanto retorna e *mata* Jaspers. Neste movimento, Clérambault aparece primeiro metaforizado por Jaspers, e finalmente Lacan retorna a ele em termos de "meu único mestre".

Jasper  
~  
-----  
Clérambault

Clérambault  
-----  
Jasper  
~  
-----  
Clérambault

Nesta nota há uma continuidade: elogia e recomenda o método de Clérambault; além disso, afirma que sempre foi o método do referido psiquiatra, mas ao mesmo tempo afasta-se das teses organicistas. E devemos pensar que, como organicista, Clérambault também buscava os fenômenos elementares.

Seguramente em 1931 houve um esbarrão entre ambos. Supomos isso pela homenagem que Lacan lhe rende, pois sem dúvida Clérambault devia ser muito suscetível ao roubo de seus termos, o que complica as coisas para nós a nível histórico; porém explica que a expressão *fenômeno elementar* encontrada em Jaspers era atribuída finalmente a Clérambault.

Após esse périplo através de nossos antecedentes podemos retornar ao tema da estrutura do fenômeno elementar. Neste ponto encontramos discussões sobre o que Lacan<sup>14</sup> expõe no famoso parágrafo de "De uma questão preliminar" ao referir-se à *significação de significação*, no qual oferece uma nova tradução do fenômeno elementar. Sobre esta questão, o título do seminário que ditei - "A experiência enigmática na psicose" - continuava sendo um enigma também para os docentes, e o justifiquei comentando a frase de Lacan sobre a *significação de significação* e o vazio enigmático. Extraí esse adjetivo da referida frase e o expliquei. Trata-se de algo que depois se encontra bem explicado no artigo de Colette Soler.

Agora interessa-nos retomar o comentário de Lacan de um modo diferente do meu seminário. Lacan não fala de fenômeno elementar nem de fenômenos elementares no texto "De uma questão preliminar", senão que se refere à necessidade de reformular os fenômenos intuitivos. Em minha opinião, diz *fenômenos intuitivos* porque quer ocupar-se da significação nos fenômenos elementares e deixar em aberto que, em alguns deles, esta não se apresenta. É possível estender a significação, o domínio dos fenômenos elementares, aos fenômenos perceptivos, pseudo-alucinações, onde a questão da significação não é tão evidente nem tão pura.

Contudo Lacan refere-se ali a esses fenômenos intuitivos que são os fenômenos elementares evidentemente conectados às questões de significação, onde a coisa aparece pura. No seminário que ditei, utilizei o exemplo do carro vermelho<sup>15</sup> no qual o sujeito se sustenta: "Isso me diz algo, isso está dirigido a mim", ou qualquer outra coisa, tal como: "O obelisco fala comigo". Desta forma, permanece em uma perplexidade misteriosa: o fenômeno intuitivo ao qual somamos a intuição delirante que implica. Nos fenômenos não há somente um vazio; em determinado momento, aparece a iluminação: a senhora Z. que o persegue ou o escritor P.B. estão relacionados a uma significação que invade. Finalmente, creio que alude a esse setor dos fenômenos elementares, porém vale para todos os demais e os põe em evidência.

Então do que se trata? Digamos que se trata de um momento curioso, uma produção de significação, uma produção - que seja inacabada ou difícil - muito especial. Minha proposta para hoje é pensar esse movimento a partir da metáfora e da metonímia. Porém, por quê? Porque são os dois grandes mecanismos da produção de sentido. Partindo daí, pretendemos situar o fenômeno elementar, o fenômeno

intuitivo. Sabemos que na metáfora há substituição e que, segundo explica Lacan, produz-se um efeito positivo de sentido com a emergência de um sentido novo. Ao passo que na metonímia, como conexão de um significante a outro, o sentido não pode emergir; instala-se uma falta-a-ser na relação de objeto e o sentido desliza sempre na cadeia significante.

<b>metáfora</b>	<b>S'</b>	<b>(+) s</b>
	—	
	<b>S</b>	

<b>metonímia</b>	<b>S.....S'</b>	<b>(-) s</b>
------------------	-----------------	--------------

O que dizer desses fenômenos de *significação de significação* descritos por Lacan? De algum modo poderia dizer que, no momento de perplexidade, o sentido não aparece satisfatoriamente. É um momento de espera de sentido, enigmático, que não preenche a satisfação. Recordemos que Wittgenstein sustentava que o critério da compreensão é a satisfação. Então no enigmático não há satisfação, mas sim um menos de *s* minúsculo, (-s). Tampouco se trata de metonímia, na medida em que não desliza; ao contrário, fixa, imobiliza. Muitas vezes surge um único significante que fixa o sujeito nesse momento e pode rodeá-lo, sem que apareça o sentido completo.

De maneira que o fenômeno elementar assemelha-se a uma metonímia imóvel, se nos permitirmos este oximoro, ou se apresenta como uma metáfora impotente. A metáfora situa um significante que permite a emergência do sentido: é a unicidade do significante, porém impotente para fazer surgir um sentido.



O fenômeno elementar, como metonímia imóvel, em lugar de um deslizamento produz um estado de confusão difuso, e como metáfora impotente, uma fixação absoluta.

Mas como escrever este curioso sentido? Poderíamos escrever que emerge não o sentido, mas sim o menos; quer dizer que utilizamos os conectores de Lacan:  $s_0$  - sentido zero - para a experiência enigmática (estabelecemos uma comparação com a metáfora e a metonímia); e pode-se acrescentar um signo lógico, um signo de interrogação, um operador que significa a interrogação, que a introduz.

### **(?) s      operador de perplexidade**

A perplexidade é este operador de perplexidade simples, como podem ver. Então afirmamos que sempre há, explícito ou implícito, um significante no fenômeno elementar, ou algo que deveria ter este curioso efeito de interrogação sobre o sentido. Seria um modo especial de vinculação do significante e o sentido no fenômeno elementar.

### **S (?) s**

Inventamos o operador especial, operador de perplexidade, e assinalamos que é a situação normal do ser humano enquanto efeito de significante, na medida em que todo sujeito tem que decifrar um significante. Isso é coerente com a teoria de Lacan que indica que a estrutura se revela na psicose, e que devemos dar conta do véu neurótico. Assim, a questão de que o desejo e o discurso são do Outro nos fenômenos de automatismo mental apresenta-se como tema aberto. Da mesma forma, é lícito afirmar que o fenômeno elementar evidencia nossa relação com o significante.



A partir destas precisões, observamos um curto-circuito, pois ao colocar o delírio no lugar de  $S_2$  - quer dizer, do saber -, mostra-nos que todo saber é delírio e o delírio é um saber. Escutando repetidamente o que Lacan afirma sobre o interessante da invenção de saber, o psicótico se apresentaria como o delirante que não retrocede diante da elaboração de saber com o elemento de delírio que sempre há nessa invenção. Recordem, por outro lado, que também se diz que o analista não deve retroceder diante do psicótico.

Nesse sentido, somos poucos os que pensamos que Lacan não delira. O Sr. Bunge, por exemplo, pensa que Freud era delirante. Assim mesmo existem muitas coisas delirantes em Newton que dedicava mais tempo à alquimia do que à matemática, e apaixonava-se decifrando o livro de Daniel e o Apocalipse na Bíblia. O Sr. Bunge não pensa deste modo e o deprecia por isso. É verdade que o Newton não sabia tantas coisas como ele. Newton era um homem do século XVII que se apaixonava decifrando o significante da Bíblia para conhecer o futuro. Sem dúvida sempre existe algum risco na ciência, porque pode ser um delírio. Conforme sustenta Lacan, o Sputnik, esse primeiro objeto lançado no espaço que verificou muitas coisas, é, nesse sentido, certo tipo de fenômeno elementar.

Retornando então à coerência entre saber e delírio, vamos nos perguntar o que isso implica. Falar de delírio não é somente falar de delírio de interpretação, mas sim que o delírio é uma interpretação. Esta fórmula que se encontra em "Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade" é a frase mais lacaniana da tese, porque ali nem tudo é lacaniano. Lacan comentou que não queria publicá-la e que o fez porque as editoras lhe pediram. Em um breve prefácio, indica que a publicou com reticência, pois não considerava

que tudo fosse lacaniano. Contudo, o mais lacaniano da tese é a frase *o delírio é uma interpretação*, a qual assinala que no próprio texto do delírio encontramos uma verdade explícita e quase teorizada. O delírio é o duplo perfeitamente visível do que foi colocado na investigação teórica, o qual é coerente com toda a concepção freudiana da teoria da libido; é algo análogo à teoria dos nervos divinos de Schreber. Destaquemos também que Lacan não duvida em enfrentar-se com certa homogeneidade entre a estrutura, o delírio e o saber.

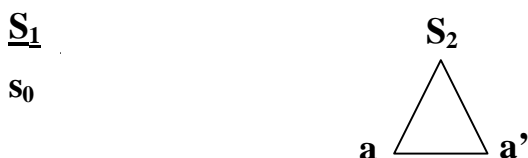
Pois bem, para verificar o que exponho em relação à metáfora e a metonímia, é necessário retomar o texto "De uma questão preliminar" de Lacan e observar que ele utiliza *metáfora* somente a propósito da metáfora paterna. Porém em seu seminário opõe a fala e a fórmula, argumentando que no delírio de Schreber há falas plenas de sentido, de uma grande densidade, e há fórmulas vazias e repetitivas. Creio que ordena muito bem a metáfora e a metonímia. A fala que condensa todo o sentido é de estrutura metafórica, indica a emergência do sentido sob a forma de uma intuição que preenche o sujeito; e a fórmula reiterativa e vazia permanece mais do lado da metonímia.

Portanto, vamos introduzir a metáfora e a metonímia como binômio operativo para considerar o delírio. A fim de esclarecer as coisas em relação ao fenômeno elementar, podemos afirmar que nos encontramos diante da falta de  $S_2$ , em um primeiro momento; e isso produz o fenômeno de sentido zero, de esvaziamento da significação.

$$\begin{array}{ccc} S_1 & & (S_2) \\ \hline S_0 & & \end{array}$$

É deste ponto que o neurótico - pólo normal - traz em si o  $S_2$  que necessita, isto é, em determinada circunstância ele sabe o que deve dizer. Esta é nossa compreensão precipitada. E Lacan nos convida a ser um pouco mais psicóticos, um pouco mais perplexos. Convida-nos a ler as coisas sem entendê-las e ajuda-nos com seu estilo que produz a perplexidade. Ensina-nos a não apagar o momento da perplexidade, a não sair correndo com nosso  $S_2$ , nosso saber apoiado em nossa fantasia, para decifrar e afirmar que não temos nenhuma dificuldade e entendemos o que se passa. Tentar não entender o que ocorre é uma disciplina. Por que não traduzir desta forma a forclusão do Nome do Pai, a forclusão deste  $S_2$  que para o neurótico permite-lhe decifrar tudo sem perplexidade? Isto que no neurótico, o chamado normal, surge tão naturalmente, se me permitem, para o psicótico implica em um grande trabalho, pois deve fazer uma elaboração de saber não tão natural.

Mesmo que eu tenha elogiado muito o delírio, não devemos esquecer que ele não é sempre algo grandioso, magnífico, mas sim que às vezes é muito reiterativo. Por quê?



Porque neste vazio simbólico absorve-se a estrutura imaginária,  $a-a'$ , a partir da qual se desenvolve o delírio, por exemplo, na paranóia. É o que Lacan demonstra no caso Aimée: a relação de rivalidade com a irmã repete esse desdobramento iniciado com a mãe. Ainda que a relação com a mãe fosse muito boa, o desdobramento se repete em todo seu delírio, e nesse ponto o delírio é reiterativo. Quando se inscreve nessa vertente dos delírios pobres, reiterativos, dá

lugar ao que Lacan descreve em seus *Escritos* como sua função de biombo<sup>17</sup>. Neste sentido, o ato realizado por Aimée faz cair o delírio como biombo. Esta perspectiva acentua seu caráter de cenário. Portanto, é necessário e imprescindível estabelecer uma dialética entre saber interpretativo e delírio como *cenário*, segundo a expressão que Lacan emprega em *O Seminário 3 sobre as psicoses*<sup>18</sup>. Todavia não o desenvolveremos agora.

Lacan modifica a perspectiva sobre os fenômenos elementares. Não se trata de desconhecermos o tempo e a cronologia, tampouco do começo da psicose. Acontece que a estrutura indica que a psicose já existe. Em todo caso a questão é saber em que momento ela se desencadeia. Por isso, em *O Seminário 3*, Lacan formula que a psicose não tem pré-história<sup>19</sup>. Reduz totalmente a história e isso é justamente a teoria do Nome do Pai: a estrutura existe e falta o significante que o sujeito deveria ter à sua disposição. A questão é saber o que aconteceu com ele, com esse sujeito em particular, para que tudo se coloque em andamento e desencadeie a psicose.

Em seu comentário sobre Schreber, Lacan sugere que, quando algo da realidade chama esse significante que falta, o qual deveria ser mobilizado, fica evidenciado que ele falta e começa a catástrofe, desfaz-se o imaginário. De forma que o eu, capturado no simbólico, encarcerado, escapa e modifica sua distribuição e a distribuição de sua libido. Esta é a primeira aproximação ao gozo, em Lacan. Por quê? Onde está o gozo nessa história? Quando fala nesses termos deve entender-se que o gozo circula entre *a-a'*.

Para Lacan, ao elaborar sua primeira teoria, a libido é imaginária e circula entre o mundo e o eu, com a diferença existente entre libido egóica e libido sexual. Mas não

tocaremos este tema. Podemos destacar então que aqui o gozo está em primeiro plano, e com este nível de circulação que supõe e contribui à elaboração do delírio.

Agora passemos ao tema que mencionou Cecilia D'Alvia<sup>20</sup>. É uma questão difícil, porque foi efeito de uma leitura muito precisa do texto que apontou como Freud não situa exatamente no mesmo lugar o delírio de grandeza. A construção freudiana funda-se em um paralelismo entre psicose e neurose de transferência, com o objetivo de compará-las. E não situa exatamente no mesmo momento o delírio de grandeza: momento de processo patológico e tratamento, estase libidinal e intenção de canalizá-la, tratamento. Não se sabe se o delírio de grandeza é a enfermidade que deve ser tratada por outro delírio ou se é o próprio tratamento. Então aparece o delírio como tratamento, que é diferente do delírio como biombo.

O delírio de grandeza é, em certo modo, o delírio fundamental, na medida em que é o delírio por excelência do eu. Todo mundo tem um delírio de grandeza, que inclusive pode ser descrito como *não sou nada*, ou então *não posso nada*, já que expressa uma capacidade de o sujeito sempre estabelecer uma comparação com os ideais, que suprime todo o fecundo ou o agradável. Ainda que traduzido por uma queixa, é o próprio delírio de grandeza, no sentido do delírio do eu.

É importante alojar essa dupla posição do delírio de grandeza que escapa em certo nível, aquele que se produz quando o significante, o simbólico, não pode encarcerar o eu e dar-lhe seu lugar; e isso é justamente a enfermidade. Porém como delírio, como elaboração, representa também um domínio sobre a libido, e Freud o expressa assim. Portanto, neste ponto é possível reconhecer duas perspectivas. É verdade que o texto de Freud o formula rapidamente, porém podemos interpretar que não diz a mesma coisa.

Proporria então distinguir níveis, conforme sugeri para a alucinação-interpretação. Em um nível, o delírio de grandeza apresenta-se escapando, sem freio; mas em outro, enquanto delírio implica um domínio sobre a libido, termo que Freud utiliza e que teria que ser verificado no texto em alemão. Ensina, portanto, que um delírio alcança certo domínio sobre a libido, ou em nossa linguagem, certo ciframento de gozo.

Tradução: Marcia Mello de Lima

---

<sup>1</sup> Conferência proferida em Buenos Aires, em 1995, e publicada em: Miller, J.-A. et. al. (2005[1995]). *El saber delirante*. Buenos Aires: Paidós. O título foi deduzido a partir do tema desenvolvido e proposto por Leonardo Gorostiza. A transcrição e estabelecimento do texto foram realizados por Oscar Sawicke.

<sup>2</sup> Jacques-Alain Miller é psicanalista, Diretor do Departamento de Psicanálise (Paris VIII).

<sup>3</sup> N.T. Em Espanhol, no original, há um jogo de palavras com 'delírio' e *yo (eu)*.

<sup>4</sup> Lacan, J. (1987[1932]). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

<sup>5</sup> Godoy, C. (2005[1995]). "Automatismo, fenómeno elemental y delirio". In *El saber delirante*. *Op. cit.*, pp. 52-54.

<sup>6</sup> Lacan, J. (1985[1955-1956]). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 28.

<sup>7</sup> Indart, J.C. (2005[1995]). "Discussão". In *El saber delirante*. *Op. cit.*, p. 59.

<sup>8</sup> Lacan, J. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 627.

<sup>9</sup> Idem. (1985[1955-1956]). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. *Op. cit.*, p. 28.

<sup>10</sup> Cueva, R. (2005[1995]). "Fenómenos elementares y delirio en la tesis doctoral de Jacques Lacan". In *El saber delirante*. *Op. cit.*, p. 38.

<sup>11</sup> Lacan, J. (1988[1931]). "Structure des psychoses paranoïaques". In *Ornicar?*, (44). Paris: Navarin.

<sup>12</sup> Idem. (1985[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses*. *Op. cit.*, p. 96.

<sup>13</sup> Idem. (1988[1931]). "Structure des psychoses paranoïaques". *Op. cit.*, nota n.6, p. 10.

<sup>14</sup> Idem. (1998[1957-1958]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In *Escritos*. *Op. cit.*, pp. 544-545.

<sup>15</sup> Cf. desenvolvido em *O seminário, livro 3: as psicoses* (1985[1955-1956]). *Op. cit.*, pp. 18-19 e 30.

<sup>16</sup> Idem. (1964[1960]). "Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval". In *Escritos*. *Op. cit.*, p. 849.



---

<sup>17</sup> Idem. (1966[S.d]). "De nos antécédents". In *Écrits*. Paris: Seuil, p. 66. [NT] O termo "biombo" foi traduzido em os *Escritos* como "anteparo", p. 70.

<sup>18</sup> Idem. (1985[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses. Op. cit.*, pp. 52 e 83.

<sup>19</sup> Idem. *Ibidem*, p. 104.

<sup>20</sup> D'Alvia, C. (2005[1995]). "Comentário de um párrafo de 'Introducción del narcisismo'". In *El Saber delirante. Op. cit.*, pp. 19-31.